

PREFÁCIO II

JOSÉ MANUEL PUREZA

A iniciativa de republicar “O sentido moral da comunhão humana”, tese de doutoramento de Luís Moita em Teologia Moral na Universidade Lateranense de Roma, defendida em 16 de junho de 1967, traz-nos de volta o núcleo do seu pensamento: o primado da nossa condição relacional e nossa responsabilidade moral por essa condição.

Antes de vertebrar a sua *praxis* de militante anticolonial, de ativista da luta democrática, de académico da disciplina de Relações Internacionais, a centralidade da experiência relacional foi a referência da sua busca, como padre e estudante de Teologia, de um entendimento da moral cristã em linha com a renovação da Teologia Moral preconizada pelo Concílio Vaticano II. Cinquenta e dois anos mais tarde, na sua última lição na Universidade Autónoma de Lisboa, Luís Moita haveria de sublinhar a transversalidade do relacional: “*A ideia de relação é um conceito chave que pode atravessar todos os nossos campos de saber, desde as partículas subatómicas até ao sistema internacional e à humanidade no seu conjunto, e é algo que nos faz compreender melhor a realidade e, por outro lado, nos responsabiliza face a ela*”. Nos responsabiliza face à realidade — eis, de forma desarmantemente simples, como Luís Moita situa a ética como gramática da relação intersubjetiva.

Como exercício de análise fina do sentido da dimensão moral da intersubjetividade humana, toda a obra que agora se traz de novo à nossa leitura é um exercício de rejeição quer do essencialismo naturalista, quer da inscrição das normas morais “duma ciência impessoal, abstracta e genérica, cujos princípios o homem deveria simplesmente aplicar aos casos concretos”¹. À facilidade e ao autoritarismo de uma ética feita tabela de preceitos aprioristicamente determinados, Luís Moita contrapõe “a experiência da moral vivida como experiência de crise”, ou seja, como “dominada pela contradição: desde as tensões internas até às roturas da relação, desde o conflito dos valores até à oposição entre costumes e consciência, tudo existe sob o signo da antinomia”². Essa compreensão da ética como “o desejo e o imperativo da qualidade dos valores presentes na relação humana”, como escreveu em 2002, fê-lo assumir a natureza relacional da existência como realidade maior e determinante tanto da dinâmica social quanto das construções de referências morais para ela.

¹ L. MOITA, *O sentido moral da comunhão humana*, Lisboa, 1988, 98.

² L. MOITA, *O sentido moral da comunhão humana*, Lisboa, 1988, 94.

O que é verdadeiramente notável neste trabalho de Luís Moita, de 1967, é o carácter absolutamente precursor da sua reflexão e a intensidade conferida à conjugação entre liberdade e responsabilidade que o atravessa e que lhe dá uma atualidade indiscutível. Olhamos para o discurso dominante sobre a moral, no Portugal atual, e constatamos como a elaboração de Luís Moita continua a desafiar conservadorismos e códigos de absolutismo moral incapazes de suportar o confronto com a autodeterminação como pressuposto da escolha moral.

Para o estudante de Teologia Luís Moita, a centralidade da comunhão como categoria teológica é um corolário necessário da centralidade da relação como categoria antropológica. Inspirado pela reflexão de Bernard Haering, Luís Moita faz radicar a moral cristã numa síntese da fé e da caridade, do conhecimento e do amor, da razão e do agapé. Impressiona, quase sessenta anos depois, a frescura dessa abertura a uma moral cristã que escape às armadilhas quer de uma moral sacralizada quer de uma religião moralizada. Assim: “no cristianismo, a moral é religiosa, mas dessacralizada – a Escritura diz-nos claramente que a verdadeira moral é uma ética dessacralizada, uma ética sem tabus religiosos e sem degradações supersticiosas”³.

É essa moral dessacralizada que permitirá juntar os esforços dos crentes com os de todas as pessoas de boa vontade na criação de um sentido de comunhão que se materialize em pequenos gestos e em grandes políticas. Quando, hoje, Francisco convoca a Igreja a deixar-se reevangelizar pelos pobres, é esse sentido de uma comunidade moralmente alicerçada – uma comunhão de diferentes iguais – que lhe dá sentido. No cristianismo, a comunidade fundada no amor é uma possibilidade e, sendo-o, é uma exigência. O lugar dos pobres é o teste maior da consistência de uma comunidade assim configurada.

“*Nós existimos uns por causa dos outros, é o tecido das nossas relações que nos constitui como pessoas. Antes de sermos indivíduos, somos participantes de uma comunidade que nos faz ser nós próprios*”, disse na sua última lição. Neste tempo de hegemonia do individualismo e da competitividade darwinista, regressar ao pensamento de Luís Moita e à sua apologia do primado da relação e do horizonte de comunhão como sua plena concretização é uma escolha enormemente desafiante para todas as pessoas, crentes e não crentes.

4 de maio de 2024

José Manuel Pureza

Professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
Investigador do Centro de Estudos Sociais (CES)

³ L. MOITA, *O sentido moral da comunhão humana*, Lisboa, 1988, 152.